

Representações de femininos contestadores em *Jeremias, Herói* de Oscar Von Pfuhl

Kênia Lisboa Colares Novais (Uni-BH)

Resumo: Muitos autores de livros destinados à infância e à juventude reproduzem em suas obras os estereótipos presentes na sociedade. Em grande parte dessa literatura, a mulher é representada como a dona de casa, a mãe e esposa, numa atitude passiva e conformadora, como se não tivesse ou não pudesse assumir outros papéis ou posturas além desses e, muitas vezes, tendo suas vozes silenciadas e negadas. Diferentemente disso, Oscar Von Pfuhl, no seu texto dramático *Jeremias, Herói* destinado ao público infanto-juvenil desconstrói esta imagem, ao apresentar a mulher, por meio de suas personagens femininas, assumindo outras posturas. Às suas personagens femininas, o autor delega lugar de honra e vozes contestadoras dentro de um contexto ditatorial, atribuindo-lhes atitudes de não-passividade, aliadas à inteligência e sensibilidade.

Palavras-chave: Dramaturgia infanto-juvenil; Oscar Von Pfuhl; representações; feminino.

Abstract: Many authors of books for children and youth reproduce in their work the stereotypes present in society. In much of this literature a woman is represented as the housewife, mother and wife, in a passive and accepting role, as if he had not or could not take on other roles or positions beyond those, and often having their voices silenced and denied. Against this current, Oscar Von Pfuhl, in his dramatic text for the juvenile audience *Jeremiah Hero* deconstruct this image by presenting women taking on different roles and behaviors. To his female characters the author delegates place of honor and confrontational voices within a context of dictatorship, giving them the attitudes of non-passivity, coupled with intelligence and sensitivity.

Keywords: Juvenile drama; Oscar Von Pfuhl; representations; female.

Introdução

Em primeira instância cabe, ainda que resumidamente, informar alguns dados sobre o autor e situar o contexto de sua produção dramática. Oscar Von Pfuhl era médico e dramaturgo. Exerceu sua atividade de escritor teatral na cidade de Santos, São Paulo. Escreveu seus textos dramáticos para o público infanto-juvenil durante as décadas de 60 e 70, período este em que o Brasil vivia sob o regime militar.

Os leitores assíduos e estudiosos da Literatura Infanto-juvenil brasileira, frequentemente, se surpreendem - e se surpreenderão - com obras que provocam certo espanto, por questionarem crítica e abertamente temas antes impensáveis para seu público, como o da política em pleno regime militar. Este é o caso de Pfuhl (1903-1986) que, no auge do governo militar repressor, escreveu *Jeremias, Herói* e outras obras abertamente

contestadoras. Embora o texto tenha sido encenado pela primeira vez somente no ano de 1986, ano de sua morte e ano seguinte ao encerramento da ditadura militar, não deixa de ser curioso o fato de que o este texto tenha sido escrito no ano de 1973, época de forte repressão e censura no Brasil. Podemos, assim, dizer que o autor foi uma das vozes da literatura e teatro brasileiros, no tempo da ditadura, comprometida com a liberdade de expressão, pois outros de seus textos, escritos também no período militar, opunham-se abertamente a ela, sendo que alguns foram mesmos encenados nesse contexto; o que demonstra coragem e senso crítico do autor ao fazer oposição à ditadura, e também dos encenadores que os levaram para os palcos.

Dentre figuras importantes do meio teatral que dirigiram ou encenaram textos de Pfuhl, podemos citar Roberto Vignati, que encenou *Um Lobo na Cartola* em 1962; Pedro Paulo Cava, que dirigiu e encenou *Dom Chicote Mula Manca* em 1974; Plínio Marcos, que dirigiu *A Árvore que Andava* em 1963, dentre outros nomes importantes. Grandes atores também representaram seus personagens como é o caso de Regina Duarte, na peça *Dom Chicote Mula Manca* no ano de 1971.

1. O Brasil, a literatura infanto-juvenil e o teatro infanto-juvenil no período militar

Nas décadas de 60, 70 e 80, principalmente nas duas primeiras, o Brasil sofreu muito em função do regime militar. As artes, de maneira geral, foram grandemente censuradas. Livros, jornais, teatro, música e cinema sempre foram atividades visadas pelos mandantes da época. Desde que a ditadura instalou-se no País, já na era Vargas, o governo procurou reprimir toda e qualquer manifestação que se opusesse ao regime. Por isso, a imprensa, principalmente os jornais, esteve sempre na mira dos censores. Também as atividades artísticas, culturais e recreativas foram reguladas, como o teatro, o cinema, a TV, o circo, os bailes e as apresentações de cantores em casa noturnas.

Dessa maneira, no período militar, era comum o tom de protesto que perpassava as produções artísticas em geral. No caso da literatura infanto-juvenil, Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1988) identificam dentre as três principais vertentes presentes em obras de 1960 e 1970: a narrativa infantil em tom de protesto. Vertente esta que expressa o inconformismo com a realidade político-econômica instaurada pelo regime militar. Neuza Ceciliato destaca sobre esta vertente uma distinção esclarecedora: “se os temas de boa parte das histórias infantis daquele momento mantinham o tom de crítica social, a forma de

expressão variava entre a linguagem direta, própria do realismo crítico, e a linguagem irônica e paródica, presentes nas narrativas fantásticas”. E diz mais:

São textos que partem do compromisso de crítica social, mas inovam pela incorporação da alegoria como forma de representação da realidade e da utilização da linguagem coloquial, configurando-se como uma denúncia velada, uma forma de resistência que, num nível mais profundo, promove “a conscientização dos leitores sobre os significados presentes na vida em sociedade e [leva-os] a se posicionarem criticamente diante da realidade” (CECILATO, 2006, p. 156).

Durante a ditadura militar no Brasil (1964–1985), a insatisfação do povo contra o regime era grande. De acordo com Silverman (2000, p. 24):

O poder mudava inconstitucionalmente de mãos. O Marechal Castelo Branco foi escolhido presidente, o primeiro de cinco militares nas duas décadas seguintes. A partir de 1964, leis arbitrárias, às vezes contraditórias, corporificadas num sem-fim de atos institucionais, foram promulgadas, sua severidade e número refletindo a diversa e crescente manifestação da insatisfação popular.

E essa insatisfação era manifesta em muitos meios. Nessa época, muitos autores brasileiros encontraram na literatura infantil o espaço para expor seus questionamentos e protestos contra a política de repressão imposta pelo governo. Segundo a estudiosa de literatura Nelly Novaes Coelho, uma das críticas mais conhecidas no universo literário infantil brasileiro, “tudo isso só foi possível porque a literatura infantil sempre foi considerada um gênero menor, sem maiores perigos, coisa de mulher e, portanto, não era alvo do olhar incisivo dos censores”. (COELHO, 2002, p.45)

A estudiosa ainda explica que muitos escritores se sentiam mais à vontade para falar de liberdade nos livros para crianças que, como não chamavam a atenção da censura, despontavam como um dos poucos canais de liberdade de expressão. Assim, o texto teatral considerado aqui como gênero dramático de Pfuhl, não fugia à regra. É comum em várias de suas obras, o descontentamento e gritos por liberdade. *Jeremias*, *Herói* é um claro exemplo que ilustra bem essa temática.

Da mesma forma que, nas décadas de 60 e 70, os autores recorreram à literatura infantil para poderem se expressar com liberdade, os profissionais de teatro também recorreram ao teatro infantil para se expressarem. Enquanto o teatro adulto era bastante fiscalizado e censurado nesse período, o gênero infantil chamava menos atenção. Não foi à toa que textos de Oscar Von Pfuhl, que fazem nítidas críticas à ditadura, foram encenados neste período, como *Dom Chicote Mula Manca* e *Romão e Julinha*, e/ou escritos na época, como é o caso de *Jeremias*, *Herói*.

2. *Jeremias, Herói*: representantes femininas contestadoras

Após a leitura de *Jeremias Herói*, detivemo-nos nos personagens que aparecem no texto: quatro personagens masculinos: Plutão, Jeremias (guardas), o chefe-ditador e Chicobé, um vendedor de balões, e duas personagens femininas: Rosa e Galatéa. Embora, o número de personagens masculinos seja maior, a qualidade das personagens femininas é notadamente mais elevada. Ambas demonstram inteligência, coragem, sensibilidade e mentalidades não passivas e contestadoras diante da ordem governamental instalada em seu país, Cinzelândia. Muitos livros infantis costumam impor algumas normas ao leitor, a fim de reproduzir e/ou reafirmar o modelo autoritário de uma sociedade. No caso do texto dramático estudado, o autor, ao contrário, embora apresente um contexto autoritário, não o ratifica e nele ainda traça para elas, as suas personagens mulheres, que apesar de perseguidas ou vitimadas, perfis não-sujeitos, não-inertes, não-conformados ao sistema. As personagens femininas da obra dramática de Pfuhl surgem de forma mais autônoma: fortes, capazes de se cuidarem, de lidar com situações difíceis. Na obra, a mulher não é colocada em uma posição de submissão ou inferioridade. Muito pelo contrário, as personagens femininas têm voz e influenciam os personagens masculinos a abrirem suas cabeças “enclausuradas”.

É inegável que há ainda em pleno século XXI, a prevalência de uma cultura feminina brasileira baseada na submissão do feminino ao masculino: mulher prendada e que cuida dos afazeres domésticos, submetida ao poder do homem provedor do sustento material da família. A cultura feminina brasileira é constituída por várias culturas majoritárias às quais a mulher deve se sujeitar: a cultura da tolerância, a cultura do cuidar e da liberdade, a cultura da casa limpa e protegida, a cultura da segurança e da educação dos filhos. E ainda podemos dizer: a cultura do trabalho doméstico antes e depois do trabalho fora de casa. Mas, ao mesmo tempo em que tivemos e ainda temos uma base cultural de formação da mulher para a subserviência, paralelamente, surgem mulheres contrariando estes estereótipos e, aos poucos, esta cultura vai sendo derrubada. É o caso da personagem Rosa, de *Jeremias, Herói*.

Sabemos que, ao longo da história, tantas mulheres, juntamente com os homens, lutaram pela redemocratização do país, como é o caso da presidente Dilma Rousseff, cuja história, o povo brasileiro, só recentemente, tomou conhecimento: a de uma mulher que lutou declaradamente contra o regime militar e que foi presa por assim proceder.

Indo agora ao encontro do texto dramático que me propus analisar, temos o autor fazendo uma referência à ditadura ao nos apresentar a estória do país Cinzelândia, que é governada por um tirano que proíbe que as cores sejam usadas ou sequer mencionadas no país. A personagem feminina Rosa, uma mulher que exerce o ofício de professora e contraria o sistema vigente indo contra a lei que proíbe o ensino das cores em sala de aula, é sinônimo de luta pela liberdade. Ela passa por cima das normas, rompendo os padrões estabelecidos para as mulheres numa cultura paternalista e conservadora. Mesmo sabendo das consequências de seu ato contestador, ela ensina as cores às crianças e é presa por isso. Rosa foge de padrões estabelecidos pela sociedade, que enclausuraram e ainda enclausuram a mulher no mundo privado e doméstico. Rosa, portanto pode ser considerada uma referência às mulheres ousadas que na vida real adentraram o espaço público, político, masculino, por excelência, e se engajaram nas diversas organizações clandestinas existentes no país durante a ditadura militar para lutar pela democracia, mas que muitos parecem querer apagar ou dizer o contrário.

Vale ainda destacar, que a resistência de Rosa à ditadura revela um papel duplamente transgressor: ao mesmo tempo em que se insurge contra a ditadura, também transgride, ao romper com os padrões tradicionais de gênero. Temos Rosa, mulher contestadora da ordem social e política. A referência à resistência da mulher no período ditatorial é marcante na figura dessa personagem. A transgressão da mulher que não aceita a imposição do sistema e, numa atitude mais ativa, posiciona-se contra ele.

Dessa forma, a obra se abre para o público infanto-juvenil como uma possibilidade de resistência e questionamento. Fator esse que infelizmente é ausente em muitas obras destinadas a esse público. “Ao invés de abrir para as crianças possibilidades de resistência, de recriação da realidade, muitos livros acabam apresentando um discurso conformista que reforçam os papéis sociais já consagrados”. (ZILBERMAN, 1987, p.54)

Assim, não podemos desconsiderar o fato de que, como diz Louro (2003), muitas instâncias interferem na construção das identidades de gênero, como a televisão, cinema, publicidade e literatura, entre outras. Nesse sentido, os textos enquanto instrumentos de transmissão de normas podem condicionar a criança para valores socialmente determinados.

Rosa, revelando um feminismo contestador rompeu com os padrões, valores e códigos tradicionais impostos pelo ditador, sinalizando uma postura de não passividade diante das restrições e proibições impostas pela ditadura. Feminismo que, já durante a

ditadura, propiciou às mulheres ocuparem o mundo público, questionando o regime patriarcal, a divisão sexual do trabalho. Antes mesmo de começar a ação dramática, ou seja, o texto propriamente dito, o autor em página intitulada “Sugestões do Autor”, ao propor cores para as roupas dos personagens, deixa claro o perfil da personagem: “Rosa, moça tímida, merece o vermelho revolucionário porque possui a mais bela das coragens: a coragem cívica, que a faz contrariar as proibições e ensinar a verdade das cores às crianças pondo em risco conscientemente sua liberdade”.

Outra personagem feminina do texto nitidamente importante é Galatéa, uma menina extraterrestre que interfere na ação dramática de forma brilhante. Para tudo ela tem um plano. É uma cabeça pensante e planeja tirar a professora Rosa da cadeia. Durante toda a ação dramática, dá conselhos ao guarda Jeremias e demonstra firmeza em seus propósitos e ideias.

Galatéa também se apresenta corajosa como Rosa. Quando o personagem Chicobé, um vendedor de balões, alerta Galatéa para que saia do país em função do perigo de ser presa, ela afirma: “Sei me defender muito bem!” (PFUHL, 1986, p.28) Ela o tempo todo dribla os guardas; é tão esperta que consegue enganá-los sem que eles descubram que ela é a espiã da qual fala o chefe ditador. O mesmo personagem Chicobé fica admirado com sua inteligência quando o plano de assustar os guardas dá certo: “Você é genial, menina!” (PFUHL, 1986, p. 21)

Ao propor ajudar Jeremias a ter coragem para falar com o chefe ditador, ela diz que é preciso preparação psicológica, força do pensamento, pois assim é possível que ele chegue até o chefe e exija o que merece. Nessa argumentação, Galatéa revela-se sensível, inteligente, ao atribuir a necessidade de um preparo que vai além de força física, mas que é interior. Demonstra coragem e firmeza quando diz também a ele: “Fale de frente... Não peça! Exija! Assim é que é.” (PFUHL, 1986, p. 41) E mais: “Você precisa se impor Jerelates, tem de ir lá, cara a cara! Assim pela TV e alto-falante não dá, não!” (PFUHL, 1986, p.43). Mais à frente, dando continuidade a sua ajuda ao guarda Jeremias, com o disco de Newton em mãos, Galatéa pede que ele o gire com força. Jeremias observa e diz se tratar de bruxaria, pois assim o haviam ensinado, pois quando girava o disco este ficava branco e quando parava as cores apareciam. Galatéa explica a ele que não se trata de feitiçaria, mas algo natural. Jeremias, então, mais uma vez confirmando a existência das demais cores que vê no disco, conscientiza-se de que fora enganado durante toda a vida. E mais: que durante anos fora um pau mandado, a quem todos diziam que era frouxo, um

coitado. Nessa hora, Galatéa com toda sinceridade diz que ele era uma pessoa cinzenta, mas que se quisesse poderia ser diferente e que de dentro dele poderia sair uma energia diferente. Diz Galatéa: “Você é cinzento, Jeremias. Por que sua luz é cinzenta. Mas a luz é uma vibração, uma energia. E se você vibra diferente, você também ficará diferente” (PFUHL, 1986, p.57)

É através de Galatéa, que Jeremias ganha a alcunha de herói, encabeçando o título do livro. Ela é quem, nas palavras do próprio autor na introdução do livro, fez liberar a energia interior de Jeremias, e sugere, no final da peça, que o povo se una e participe do processo, para que das ruínas de um governo autoritário não se forme outro, chefiado pelos guardas.

A resistência de Pfuhl, através de suas personagens femininas, se constitui não só pelo protagonista Jeremias que, no final da trama, vence a própria ignorância, mas, sobremaneira, pela visão crítica de Galatéa e a atitude corajosa de Rosa, expressas nas falas das personagens, nas rubricas e na utilização do discurso humorístico sobre o comportamento dos ditadores e sobre qualquer forma de ditadura. Na dedicatória impressa no livro, o próprio autor já revela: “A todos aqueles que desagradaram déspotas com suas ideias ou ações, e por isso vieram a sofrer perseguições ou perda de seus bens mais preciosos: a liberdade e a vida”.

3. Considerações Finais

Em um país onde tudo é obscuro, o chefe – ditador - permite que as pessoas usem apenas as cores branca, cinza e preto. Através de um aparelho de televisão, o prepotente chefe controla a vida dos cidadãos, dando ordens a seus soldados Jeremias e Plutão, que vivem sempre à caça de espiões. Galatéa, uma extraterrestre menina, vem à Terra com a missão de libertar a professora Rosa, que fora presa por ensinar a teoria das cores às crianças, ao mesmo tempo, em que é peça fundamental para que Jeremias liberte-se da opressão em que vive e inicie o trabalho revolucionário de levar seu povo à democracia.

Discutindo, principalmente, liberdade e cidadania, a peça traz conceitos políticos importantes, principalmente no que diz respeito à participação do povo na construção de sua nação, e produz uma reflexão sobre a atuação da figura feminina na sociedade. O tema da peça é desenvolvido através de um enredo surpreendente, bem construído e cativante, mantendo o interesse do leitor do começo ao fim do livro. O autor traz personagens femininas numa posição de contrariedade com o sistema imposto, no nível das ideias e das

ações, revelando mulheres com um lado sensível e forte, autônomas, capazes de pensar por si mesmas e tomarem decisões que podem mudar situações.

Em *Jeremias Herói* nos deparamos com personagens femininas atuantes no sistema social, com vontade própria e autoconhecimento, e que procuram a superação dos problemas por suas ações e decisões. Assim, com personagens femininas emancipadas, o autor constrói uma trama em tom de paródia que aborda o conflito e a tensão social das ditaduras, desvelando a opressão do regime militar ao discutir a falta de liberdade de expressão e a supressão de direitos políticos dos cidadãos. As personagens femininas são estratégias dramatúrgicas utilizadas pelo autor no questionamento da ordem vigente, a ditadura, e de outra ordem vigente, o estereótipo sobre a mulher, isso já em plenos anos 70, o que revela o autor como um homem à frente do seu tempo, não conformado com as imposições e engessamentos sociais e reconhecimento da mulher como ser pensante.

Sua obra, portanto, é sem dúvida um compromisso de crítica social e política, onde manifesta, através das vozes femininas, desvelada resistência ao autoritarismo, mas é de igual modo uma instância que colabora para a construção da identidade feminina, uma representação do feminino que o coloca em condição de importância e dignidade. O autor usa do texto dramático, ponto em que confluem literatura e teatro, para contribuir para a construção de uma mentalidade mais sensível e mais justa, fazendo uso tanto da arte literária como do teatro - quando seu texto é encenado -, para levar ao seu público leitor e espectador a sua mensagem: a de que a mulher pode e deve questionar e é criatura tão inteligente e capaz como o homem e, em certos casos, até bem mais.

O autor não silenciou as mulheres como muitas obras literárias o fizeram. E não só deu voz a elas, mas lhes deu voz inteligente, questionadora, ativa, de coragem. Vozes de valor, como muitas obras literárias não o fazem.

Dessa maneira, a obra ganha valor tanto pela tematização da resistência quanto por suas características estruturais que apontam a união do povo e o uso da inteligência e da linguagem, como forma de reação. A dramaturgia de Pfuhl se contrapõe a muitas literaturas infanto-juvenis que transmitiram para crianças e jovens valores e comportamentos estereotipados, além de silenciaram e negarem as vozes femininas. O valor da obra ainda se alarga ao pensarmos sobre os seus possíveis impactos nas questões de gênero, nas identificações infanto-juvenis, pois é certo que a literatura infantil exerce a função de mediadora da vida do leitor, auxiliando-o no alcance de sua identidade. E nesse caso, as personagens questionadoras põem em xeque as estruturas prontas, o que é um

convite à reflexão. E como é de se notar, uma rica contribuição para a derrubada de preconceitos e estereótipos.

Referências Bibliográficas

CECILIANO, Neuza. 2006. “Golpe militar e resistência: a representação do povo na narrativa infantil de 1970.” Maria Zaira Turchi & Vera Maria Tietzmann Silva (orgs). **Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 153-168.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico de Escritores Brasileiros**. São Paulo: Editora Escrituras, 2002.

_____. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil: das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo**. 3ª ed. São Paulo: Quíron, 1985.

LAJOLO, Marisa & Regina Zilberman. 1988. **Literatura Infantil Brasileira: história & histórias**. 5. ed. São Paulo: Ática.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade**. Comunicação realizada no I Seminário Internacional “A educação e o gênero feminino”, Ribeirão Preto, março de 2003. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais14/.../C16018.doc
> Acesso em: 20 abr. 2011.

PFUHL, Oscar Von. **Jeremias Herói**. 2ª edição. São Paulo: Global Editora, 1996.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

SILVERMAN, Malcolm. 2000. **Protesto e o novo romance brasileiro**. 2. ed. revista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, Jane Felipe Ferreira de. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais implicações para a educação infantil**. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/anped99.html>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

ZILBERMAN, Regina e MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil: Autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

Kênia Lisboa Colares Novais possui graduação em artes cênicas pelo Uni-BH (2003) e é docente de teatro no Ensino Fundamental, escritora e ilustradora de literatura infantil. Interesse em pesquisa na área de Teatro e Literatura. (keniacolares@ig.com.br)